

**TRANSFORMAÇÕES DO DISCURSO
PELA PRÁTICA PEDAGÓGICA:
UMA EXPERIÊNCIA DE LITERATURA NO FACEBOOK**

Milena Ferreira Hygino Nunes (UENF)

milena.hygino@gmail.com

Tanisse Paes Bóvio Barcelos Cortes (UENF)

tanisseboviorp@gmail.com

Carmen Lúcia Ferreira Hygino (FAETEC)

carmen_lfh@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o discurso de alunos de uma turma de 7º ano do ensino fundamental de uma escola da prefeitura de Campos dos Goytacazes (RJ), a partir da experiência de ensino de literatura em uma rede social digital. Com base em autores que defendem a aprendizagem autônoma, construída coletivamente, elegeu-se o *Facebook* como universo de trabalho para um tributo a Vinicius de Moraes, no ano do centenário do poeta. Também baseado teoricamente na análise do discurso, analisou-se o discurso dos alunos no grupo criado na rede social digital, ao longo de todo o processo. Verificou-se, ao final, que, a partir da prática muito positiva na rede social, com intensa participação, os alunos apresentaram discursos mais engajados em relação à literatura, demonstrando curiosidade, satisfação, interesse, o que não se observou antes da proposta deste trabalho.

Palavras-chave: Análise do discurso. Literatura. Prática pedagógica.
Facebook. Vinicius de Moraes.

1. Considerações iniciais

Cabe à escola formar leitores autônomos e capazes de fazer uma leitura crítica do mundo, mas, na realidade, isso está bem distante da vivência escolar. Acredita-se que o desinteresse dos alunos pela leitura e pela literatura, de uma maneira geral, talvez se dê pela maneira que essa matéria vem sendo ministrada em sala de aula. Mas como despertar a atenção do aluno? Como inovar? O primeiro passo é analisar o público para o qual se fala e descobrir o que lhe interessa.

Sabe-se que as redes sociais digitais são, atualmente, os “ambien-

tes” onde os adolescentes e jovens mais se sentem “em casa”. Segundo pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI), em 2015, cerca de 8 (oito) em cada dez crianças e adolescentes com idades entre 9 e 17 anos utilizaram a Internet, o que corresponde a 23,4 milhões de usuários em todo o país. Nesta mesma pesquisa, acessar redes sociais, ao lado do uso de aplicativos e programas para troca de mensagens instantâneas, foi citado por 83% dos adolescentes com idades entre 13 e 14 anos e 87% daqueles entre 15 e 17 anos.

A partir desses dados e da observação dos hábitos dos alunos para os quais se pretendia ensinar literatura de maneira diferenciada, foi proposta a ideia de se trabalhar a literatura na rede social digital *Facebook* (vista, por muitos professores, como vilã, por “roubar” a atenção dos alunos) e depois analisou-se o discurso dos alunos na rede, para verificar se eles apreenderam, se modificaram, foram atingidos pelo trabalho coletivo.

2. *Da sala de aula ao ciberespaço*

Na busca por aproximar os alunos da literatura, viu-se a necessidade de migrar do lugar comum – a sala de aula tradicional - para o ciberespaço, sobre o qual o filósofo francês Pierre Lévy nos informa:

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17)

O crescimento do ciberespaço é orientado por três princípios fundamentais: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A seguir, tem-se uma rápida explicação de cada um deles:

A interconexão, mundial ou local, é um princípio básico do ciberespaço, uma vez que a sua dinâmica é dialógica. As comunidades virtuais “são construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca” (LÉVY, 1999, p. 127). Já a inteligência coletiva pode ser considerada a finalidade última do ciberespaço, pois ela descreve um tipo de inteligência compartilhada que surge da colaboração de muitos indivíduos em suas diversi-

dades. “É uma inteligência distribuída por toda parte, na qual todo o saber está na humanidade, já que ninguém sabe tudo, porém todos sabem alguma coisa”. (LÉVY, 2007, p. 212)

Sob esse mesmo viés, está a teoria do pensamento complexo, de Edgar Morin (2015), que reforça a necessidade de se romper com a hegemonia de um paradigma simplificador, formulado por Descartes, de fragmentação do saber. Edgar Morin define três princípios que podem ajudar a pensar a complexidade: o dialógico - “nos permite manter a dualidade no seio da unidade” (MORIN, 2015, p. 74); o da recursão organizacional - “ideia em ruptura com a ideia linear de causa/efeito, de produto/produtor, de estrutura/superestrutura, já que tudo o que é produzido volta-se sobre o que o produz num ciclo ele mesmo autoconstitutivo, auto-organizador e autoprodutor” (MORIN, 2015, p. 74); e o hologramático - “pode-se enriquecer o conhecimento das partes pelo todo e do todo pelas partes, num mesmo movimento produtor de conhecimentos”. (MORIN, 2015, p. 75)

Dessa maneira, acredita-se, assim como Paulo Freire defende, que os homens se “sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros” (FREIRE, 1982, p. 141). O discurso é, pois, uma manifestação desse pensar no mundo e sobre o mundo. Por meio dele os interlocutores são capazes de agir, já que a linguagem, na perspectiva discursiva, é considerada não apenas em sua vertente representacional, mas como um produto sociocultural que dota o indivíduo de certo poder. Se pela fala existe essa força de transformar a realidade de si próprio e do outro, por que não propor uma atividade inserida no ambiente virtual sobre literatura, para que os alunos se sintam mais “à vontade” para expressar suas opiniões e construam outras percepções?

A respeito dos processos de comunicação e informação, é notório que as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) modificaram a forma de se comunicar, de se buscar informação, de comprar, de trabalhar, de estudar. Assim como em diversas esferas, as tecnologias da informação e da comunicação se apropriaram dos espaços escolares. Antes de chegarem a este ambiente, elas já faziam parte da vida de muitos. Por estarem na sociedade, é direito de todos que elas estejam também inseridas na escola de forma significativa.

Outras mudanças, como relembra a docente e pesquisadora Paula Sibilia (2008), foram impulsionadas pela invenção da imprensa por Gutenberg, no século XV, que marca a primeira ruptura com a alteração da forma de elaboração do livro e sua consequente multiplicação, o que possibilitou o acesso às informações por um público maior e o surgimento da leitura silenciosa. Outra ruptura teve sua marca na metade do século XVIII, com a transição do leitor intensivo para o extensivo. Enquanto o primeiro lia e relia uma quantidade limitada de livros, o segundo passou a ter disponível uma crescente diversidade de livros. Com a transmissão eletrônica dos textos, no século XX com o computador (criado em 1946 e em 1971 o microcomputador) e, posteriormente, a Internet (1970 – ARPANET e 1989 – fase www), segundo Manuel Castells (1999), marcou-se a “terceira revolução” com modos de leitura e escrita caracterizados por uma rede hipertextual de informação.

As narrativas que constroem o nosso eu foram mudando dos clássicos romances e folhetins da era industrial para narrativas imagéticas impulsionadas pelo cinema, pelas mídias eletrônicas e digitais. Um declínio da cultura letrada para o avanço da cultura da imagem e da sociedade do espetáculo, como fundamenta Paula Sibilia (2008). De maneira bastante expressiva, os textos eletrônicos e digitais, escritos e lidos nas telas dos suportes tecnológicos (computadores, *tablets*, celulares), permeados por links, sons e imagens fixas e em movimento, ditam outros hábitos e práticas tanto para os leitores quanto para os escritores.

O efeito que isso acarreta é que muitos “abandonaram os momentos de reflexão solitária em favor de multitarefas na internet” (BAUMAN, 2013, p. 26). Para Lucia Santaella (2005), a revolução tecnológica é mais profunda do que foi a invenção do alfabeto, da imprensa de Gutenberg, da explosão da cultura de massa. É uma revolução psíquica, cultural e socialmente mais profunda, que atinge proporções antropológicas importantes, sendo comparada à revolução neolítica, fato que culmina na nova ordem econômica, social e cultural mundial.

Com o grande número de usuários adolescentes na internet, como foi exposto anteriormente, com os dados do CGI, e o hábito comum entre eles de uso das redes sociais digitais, por que, então, não tornar a rede social digital (vista, por muitos professores, como vilã, por “roubar” a atenção dos alunos) uma aliada no ensino de literatura?

Ao pensar no desinteresse dos alunos pela leitura e pela literatura, de uma maneira geral, e na necessidade de buscar outras formas de des-

pertar a atenção dos alunos, considerando também os seus hábitos, foi proposto o trabalho no Facebook.

3. Da prática pedagógica à prática social: a análise do discurso

A experiência pedagógica estimulou engajamentos que extrapolam a vivência no mundo virtual. Por isso, sentiu-se necessidade de verificar através das falas dos alunos se houve algumas mudanças na relação deles com a literatura.

Para essa abordagem, foram convocados alguns preceitos que possam contribuir com a análise. No contexto de fala, entende-se que estão envolvidos interlocutores que alternam suas funções de emissor e receptor em um complexo processo comunicativo.

Patrick Charaudeau (2009a), docente em ciências da linguagem e especialista em análise do discurso, enfatiza que o ato da linguagem não deve ser entendido como um simples ato de comunicação resultante de uma mensagem que um emissor envia a um receptor. Tal ato abarca um rico e complexo fenômeno de comunicação que envolve, além de indivíduos, vários componentes linguísticos e situacionais. Com isso, o ato de linguagem (ou ato de comunicação) é entendido como uma encenação interenunciativa, um encontro dialético que fundamenta a elucidação dos sujeitos da linguagem pela atividade metalinguística em dois processos: – processo de *produção*, criado por um EU e direcionado a um TU-destinatário; – processo de *interpretação*, idealizado por um TU' – interpretante, que constrói uma imagem EU' do locutor.

Nesta concepção, o receptor, ao receber a mensagem, não é passivo, afinal, ele participa do processo desde a elaboração da mensagem, mesmo que indiretamente, em que o enunciador (emissor) direciona sua fala, em função das intenções de comunicação, a um receptor idealizado, presumido (destinatário) em uma determinada situação de comunicação - dinâmica complexa na produção e divulgação da informação na sociedade. Assim, os sujeitos envolvidos não assumem apenas o papel de emissor e receptor de mensagens, mas de atores sociais que recebem influências sociais, políticas e linguísticas que abrangem os eventos comunicativos.

Patrick Charaudeau (2009b, p. 104) também, enfatiza que “todo ato de comunicação se realiza num determinado ambiente físico que impõe restrições para a realização desse ato”. Na mídia tradicional (impre-

na escrita, rádio, televisão), a comunicação é monológica, porque os veículos permitem a participação dos espectadores e leitores, mas isso acontece de maneira assíncrona, tendo a interferência das instâncias produtoras do que será selecionado e divulgado. Nesta situação, há a defasagem de tempo entre a produção, divulgação e resposta às mensagens. Na comunicação via internet, as relações entre os sujeitos envolvidos no ato de comunicação são reconfiguradas. Enunciador e destinatário podem estar instantaneamente no ciberespaço, independentemente das condições espaço-temporais de cada indivíduo (por exemplo, de diferentes países), e manterem situações dialógicas imediatas.

Pela dinâmica da rede, o receptor pode assumir o papel de emissor ou vice-versa. O receptor pode interferir no que o emissor disse, o que pode repercutir também na relação dos outros receptores com o emissor.

Nelly Medeiros de Carvalho e Rita Kramer (2013, p. 83) enfatizam que

numa rede, como o Facebook, os destinatários presumidos misturam-se a suas configurações de TUI, pois a existência de uma relação pessoal entre os perfis criados como representação de sua atuação social faz o vínculo entre as instâncias de informação se estreitarem. A era da participação aproxima os sujeitos interpretantes de sua configuração como destinatários, pois seus perfis são representações de sua vida real.

Nesse sentido, para a dimensão discursiva,

contam aquele que fala, a quem fala, discute-se o papel do sujeito dos enunciados, ocupa-se com o modo como o falar é objeto de certo tipo de interesse, regulado por circunstâncias, quais sejam, os fatores culturais, sociais, éticos, políticos. De modo que o resultado não são apenas os signos, a significação, a referência, os atos de fala, mas um certo agir decorrente da linguagem, um "saber" discursivo, indutor e fruto de relações sociais, culturais e interpessoais, que dotam aqueles que os usam de um certo tipo de poder (ARAÚJO, 2004, p. 199).

Ao assumir o discurso como prática social considera-se que, quando falamos, agimos sobre o mundo e construímos uma interpretação e uma "vontade de verdade". Assim,

A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (ORLANDI, 1990, p. 15)

Fernanda Mussalim (2011) esclarece que a análise do discurso concebe o discurso como uma manifestação da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social. Sendo assim, “o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia” (MUSSALIM, 2011, p. 110), sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso, a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa. (MUSSALIM, 2011)

Dominique Maingueneau (2008, p. 52-56) explicita as principais características do discurso: é uma organização situada para além da frase; é orientado, não só por ser concebido por uma perspectiva de um locutor, mas também por se desenvolver de maneira linear; é uma forma de ação – sobre o outro e sobre o mundo, e não só representação do mundo; é interativo, supondo sempre a presença do outro na enunciação – ou seja, é dialógico; é contextualizado, porque não há sentido fora de contexto; é assumido por um sujeito, que se coloca como fonte de referências e, ao mesmo tempo, indica que atitude está tomando em relação àquilo que diz; é regido por normas – as “leis dos discurso”; é considerado no bojo de um interdiscurso, porque o discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos.

A partir dessas características do discurso, tem-se a compreensão de que, em todo discurso, há “[...] um complexo processo de [...] produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de [...] de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade” (ORLANDI, 1990, p. 21). Indo além, é construção de conhecimento, como se verá adiante, na análise do discurso dos alunos.

4. *Relato de experiência e análise do grupo*

No ano do centenário de Vinicius de Moraes (2013), foi proposta a uma turma do 7º ano (segundo segmento do ensino fundamental) de uma escola do município de Campos dos Goytacazes (RJ) que fizesse um exercício de leitura e pesquisa sobre o escritor, exclusivamente na internet. A receptividade foi grande desde o início.

Foi criado um grupo fechado no *Facebook* (rede social digital mais utilizada pelos brasileiros, segundo pesquisa da *Revista Exame* (2013), e também pelos alunos participantes, segundo comentários deles mesmos, e, por isso, escolhida como universo de trabalho) intitulado “Tributo a Vinicius de Moraes”, onde eles publicariam poesias, crônicas, músicas, vídeos, enfim, qualquer material sobre a vida e/ou a obra do escritor.



Figura 1 – Página do grupo “Tributo a Vinicius de Moraes”
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/433692823415582/>

No grupo, havia três moderadoras (autoras deste trabalho), que curtiam e comentavam as postagens dos alunos. Inicialmente, muitos alunos visualizavam, mas poucos curtiam ou comentavam. A cada publicação, com o incentivo das moderadoras, novas leituras e publicações, eles se sentiram sujeitos da ação, livres para fazer suas escolhas; a timidez foi vencida e eles passaram a interagir com bastante naturalidade.

À medida que as publicações surgiam no grupo, crescia o interesse dos alunos em buscar novas informações sobre o poeta Vinicius de Moraes e suas obras. Ninguém queria ficar desatualizado, sem postar. Participar, ler e publicar se tornou prazeroso. A notícia se espalhou pela escola e muitos alunos de outras classes se interessaram pelo grupo no *Facebook* (mas, infelizmente, não foi possível abrir o grupo para todos, para não se perder o foco na atividade curricular).

Houve uma culminância no auditório da escola, quando foram feitas declamações de poesias, sonetos e canções de Vinicius de Moraes, além de sorteio de livros.

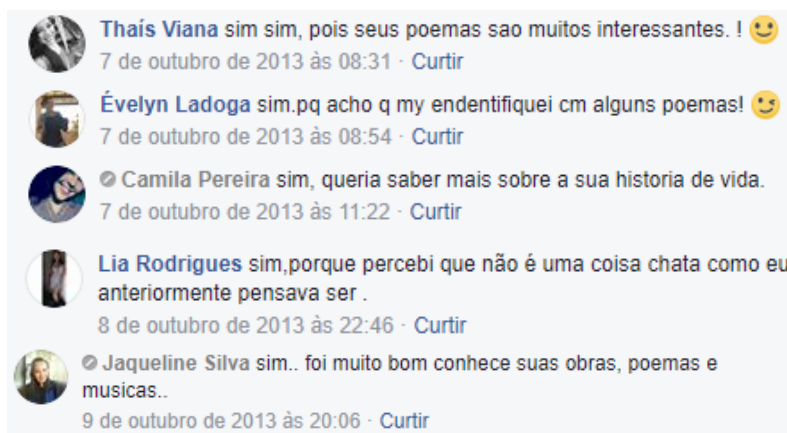
Ao final, foi feita também uma avaliação dessa experiência pelos

alunos no próprio grupo, quando eles puderam expressar a satisfação ou não da sua participação.

O grupo “Tributo a Vinicius de Moraes”, no *Facebook*, composto por cinquenta e quatro membros ativos, resultou em cento e trinta e três publicações em um mês, sendo sessenta e cinco publicações de sonetos, quarenta publicações de músicas, treze publicações de citações (pensamentos), uma publicação de fragmento de prosa, catorze publicações diversas (como partes da biografia, curiosidades sobre Vinicius de Moraes, listas de obras etc.).

5. *Análise e resultados*

Os alunos apresentaram discursos mais engajados em relação à literatura e ao autor, demonstrando curiosidade, satisfação, interesse, como se pode verificar²⁰³ a seguir:



²⁰³ Todas as postagens feitas no grupo “Tributo a Vinicius de Moraes”, no *Facebook*, foram autorizadas para publicação acadêmica.

-  **Junior Santtos** Sim, pois quando eu comecei a conhecer sobre as obras e a vida de Vinícius de Moraes, percebi que era tudo muito maior e mais interessante de tudo que eu já tinha ouvido...
9 de outubro de 2013 às 20:07 · Curtir
-  **Polyana Samuel** Sim!!! Sempre é bom conhecer coisas novas!!!!
9 de outubro de 2013 às 23:36 · Curtir ·  1
-  **Izabella Gomes** sim. pq sua historia de vida é muito marcante
10 de outubro de 2013 às 16:27 · Curtir
-  **Karolainy Gonçalves** Eu gosteei muiitooo , pq ele fez coom qe eu conhecesse ah maravilhosa obra de Vinicius de Moraes ..
8 de outubro de 2013 às 19:56 · Curtir
-  **Lia Rodrigues** um grupo muito bom, porque faz termos mas interesse pelas grandes obras de Vinicius de Moraes .
8 de outubro de 2013 às 22:42 · Curtir
-  **Sarah Cerqueira** Achei tudo muito interessante
8 de outubro de 2013 às 22:45 · Curtir
-  **Nayra Barboza** muito bom. fez com que eu pudesse me interessar + por poesias!!!
9 de outubro de 2013 às 09:49 · Curtir
-  **Stephani Andrade Siqueira** Gostei muito achei muito interessante aprendi a gostar de poesias e das suas grandes obras !!!! ... Nota : 10
9 de outubro de 2013 às 13:14 · Curtir
-  **Jaqueline Silva** Muito bom.. Apartir do grupo comecei a me interessa mais por poesias.. E conheci mais sobre Vinicius..
9 de outubro de 2013 às 20:04 · Curtir
-  **Laylla Rodrigues** ^{AA}Ótimo... me fez conhecer um pouco + sobre seus poemas, sonetos, música e tbm me fez gostar mais de leitura!
9 de outubro de 2013 às 20:11 · Curtir ·  1
-  **Junior Santtos** Muito bom!!! Ponto positivo foi, para quem não gostava muito de ler, o grupo fez milagre em mim...
9 de outubro de 2013 às 20:13 · Curtir
-  **Dayvid Vieira** Positividade de jah . pela net os alunos se entereçam mais pela matéria 😊
13 de novembro de 2013 às 08:39 · Curtir

Muitos alunos declararam enorme satisfação por escolher suas próprias leituras, por postar os poemas que mais lhes agradavam e por ler as publicações dos outros colegas, o que leva estas autoras a refletirem sobre o que diz Jean Piaget (1988, p. 47):

Se o ensino consiste simplesmente em dar aulas, em fazê-las repetir por meio de ‘exposições’ ou de ‘provas’, e aplicá-las em alguns exercícios práticos, sempre impostos, os resultados obtidos pelo aluno não têm significação que no caso de um exame escolar qualquer, deixando-se de lado o fator sorte. Unicamente na medida em que os métodos de ensino sejam ativos - isto é, confiram uma participação cada vez maior às iniciativas e aos esforços espontâneos do aluno - os resultados obtidos serão significativos. Nesse último caso, trata-se de um método bastante seguro, que consiste, se assim pode-se dizer, em uma espécie de exame psicológico contínuo, em oposição àquela espécie de amostragem momentânea que, apesar de tudo, constitui os testes.

Observou-se que houve desenvolvimento individual e coletivo através das relações estabelecidas com as publicações dos participantes no grupo “Tributo a Vinicius de Moraes”, convergindo no que Pierre Lévy, em suas considerações sobre a nova relação que o homem estabelece com o saber, no mundo da cibercultura, aponta:

O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. [...] Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em ‘níveis’, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes ‘superiores’, a partir de agora devemos preferir a imagem em espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa posição singular e evolutiva. (LÉVY, 1999, p. 158)

Foi uma experiência simples, mas válida. Os alunos se sentiram motivados à leitura e à pesquisa. Superaram as expectativas, participaram ativamente e com boa vontade, o que leva a uma reflexão sobre a prática docente. Não há mais espaço, nesse mundo globalizado, para o papel do professor centralizador do conhecimento. Não se ignorar o avanço da cibercultura e o crescimento do ciberespaço, o qual amplifica, exterioriza e modifica funções cognitivas humanas, como a imaginação, a memória e o raciocínio. Compete aos professores traçar objetivos e buscar o melhor método de alcançá-los; mudar o já estabelecido e o que não funciona por uma prática significativa, incentivando o desenvolvimento da inteligência coletiva.

Ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. A internet é um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode nos ajudar a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e de aprender. (MORAN, 2000, p. 63)

Para isso,

Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em 'níveis', organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes 'superiores', a partir de agora devemos preferir a imagem em espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa posição singular e evolutiva. (LÉVY, 1999, p. 158)

6. *Considerações finais*

Viu-se que, por meio de um grupo na rede social Facebook, os alunos produziram sentido, construíram, juntos, conhecimento, numa relação dialógica e interativa, em um ambiente em que eles se sentem bem à vontade, agindo sobre o outro e sobre o mundo (por meio de curtidas, comentários ou compartilhamentos), dando-se valor e colocando-se como fonte de referências, ou seja, tudo o que preceitua a análise do discurso, resultando em um empoderamento discursivo.

Com a experiência relatada, conclui-se que o mundo virtual pode ser, sim, o cenário ideal para estimular o apreço pela literatura e leitura da poesia, como foi feito no grupo "Tributo a Vinicius de Moraes", no *Facebook*. Basta que os professores deixem de focar na falta de interesse dos alunos pela leitura e pela literatura e voltem seus esforços para repensar a educação de forma crítica, seletiva, reflexiva e atuante, saindo do estado de acomodação e buscando inovar e atrair os alunos, que desejam participar da construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso*: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CARVALHO, Nelly; KRAMER, Rita. A linguagem no facebook. In: SHEPHERD, Tania Granja; SALIÉS, Tânia Gastão. (Orgs.). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 77-92.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura, vol. 1. Trad.: Roneide Venâncio Majer. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coord. de trad.: Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. 1. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2009a.

_____. *Discurso das mídias*. Trad.: Angela M. S. Corrêa. 1. ed. 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2009b.

CETIC. *TIC Kids Online*. Brasil 2014: Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. In: *Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015. Disponível em:

<[http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC Kids 2014 livro_eletronico.pdf](http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2014_livro_eletronico.pdf)>. Acesso em: 10-06-2016.

FACEBOOK. Tributo a Vinicius de Moraes [Grupo fechado]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/433692823415582>>. Acesso em: 10-06-2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *Inteligência coletiva: para uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MORAN, José Manuel. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papyrus, 2000.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Trad.: Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, vol. 2, 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 101-142.

PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedi-*

mentos. Campinas: Pontes, 1990.

GREGO, Maurício. *Facebook e YouTube* dominam redes sociais no Brasil. *Revista Exame*, 26/11/2013. Disponível em:

<<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/facebook-e-youtube-dominam-redes-sociais-no-brasil>>. Acesso em: 10-06-2016.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem pensamento*: sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2005.

SIBILIA, Paula. *O show do eu*: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.